

Indo para a Festa

(7:1-13)

No capítulo 5 surgiu um conflito entre Jesus e os líderes religiosos. No início do capítulo 6, o povo em geral parecia confiar em Jesus. Todavia, no fim desse mesmo capítulo, muitos de seus discípulos o abandonaram. Jesus ficou a sós com “os doze” (6:67), e um deles – Judas – era um “diabo” (6:70).

Embora o capítulo 7 mencione alguma aceitação de Jesus por parte das pessoas presentes na festa (7:40, 41), ele experimentou rejeição (até de membros de sua família; 7:5), juntamente com o aumento da hostilidade da liderança religiosa (7:1, 13, 19, 25, 30, 32, 44). Do capítulo 7 até o fim do ministério público de Jesus no capítulo 12, a hostilidade contra ele aumentou constantemente.

Como nos capítulos 3 e 4, os capítulos 7 e 8 (excluindo a narrativa da mulher adúltera) devem ser lidos juntos. Os acontecimentos narrados nesses dois capítulos ocorreram durante (ou logo após) a Festa dos Tabernáculos (ou das Cabanas). Dois dos principais temas relacionados à festa são água e luz, os quais emergem nesses capítulos (7:37-39; 8:12).

JESUS E SEUS IRMÃOS (7:1-9)

¹Passadas estas coisas, Jesus andava pela Galileia, porque não desejava percorrer a Judeia, visto que os judeus procuravam matá-lo. ²Ora, a festa dos judeus, chamada de Festa dos Tabernáculos, estava próxima. ³Dirigiram-se, pois, a ele os seus irmãos e lhe disseram: Deixa este lugar e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. ⁴Porque ninguém há que procure ser conhecido em público e, contudo, realize os seus feitos em oculto. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo. ⁵Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele. ⁶Disse-lhes,

pois, Jesus: O meu tempo ainda não chegou, mas o vosso sempre está presente. ⁷Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más. ⁸Subi vós outros à festa; eu, por enquanto, não subo, porque o meu tempo ainda não está cumprido. ⁹Disse-lhes Jesus estas coisas e continuou na Galileia.

Versículo 1. Passadas estas coisas é uma referência indefinida de tempo (veja os comentários sobre 2:12), pois não especifica a duração do intervalo transcorrido. Parece que João estava se referindo a um período após o milagre da multiplicação aos cinco mil homens e o discurso sobre “o pão da vida”. Exceto por esse versículo, João nada comentou sobre as ações de Jesus entre a Páscoa (6:4) e a Festa dos Tabernáculos (7:2), que ocorreu cerca de seis meses depois. Esse período seria suficiente para um ministério produtivo na Galileia, incluindo as atividades narradas em Mateus 15—18, Marcos 7—9 e Lucas 9:18—50.

Isso inclui as curas da filha da mulher cananeia [síro-fenícia] na terra de Tiro e Sidom, do surdo-mudo em Decápolis, a multiplicação aos quatro mil, a transfiguração e várias conversas com os discípulos.¹

Não há necessidade, como afirmam alguns, de minimizar a cronologia inverter a posição dos capítulos 5 e 6, para que o capítulo 7 venha imediatamente após o capítulo 5. Além da falta de evidências textuais em favor desse deslocamento, também devemos lembrar que João não estava

¹ Guy N. Woods, *A Commentary on the Gospel According to John*, New Testament Commentaries. Nashville: Gospel Advocate Co., 1981, p. 141.

tão interessado na exatidão cronológica quanto na seleção do conteúdo para monstrar que Jesus é o Cristo.

Jesus andava (*περιεπάτει, periepatei*), isto é, circulava continuamente, **pela Galileia**. Esta declaração enfatiza a natureza itinerante do seu ministério. A razão de Jesus **não desejar percorrer a Judeia** era que **os judeus procuravam matá-lo**. O verbo *ἐζήτουν* (*ezētoun*) também está no imperfeito, significando que eles “estavam constantemente procurando” matar Jesus. A Galileia (a província mais ao norte da Palestina) estava sob a jurisdição de Herodes Antípaso, proporcionando, assim, certa segurança que Jesus não encontrara na Judeia (a província mais ao sul), onde os judeus procuravam matá-lo. A referência aos “judeus” aqui indica aqueles judeus mencionados em 5:18, membros da instituição religiosa de Jerusalém que eram hostis a Jesus (veja os comentários sobre 1:19).

Versículo 2. A Festa dos Tabernáculos era uma das três grandes festas judaicas à qual todo homem judeu tinha o dever de comparecer (veja Deuteronômio 16:13 e os comentários sobre 2:13)². Originalmente, era a Festa da Colheita, que celebrava o tempo em que a colheita era ceifada (Êxodo 23:16; 34:22). A NTLH a identifica como “a Festa das Barracas”. O nome se deve ao mandamento dado por Deus em Levítico 23:40–43: durante essa semana de festa, o povo deveria morar em cabanas, ou barracas, feitas de galhos e folhas. Levítico 23:34 determina a data dessa celebração; ela começava no décimo quinto dia do mês judaico de Tisri (o mês lunar correspondente a setembro/outubro) e durava sete dias. De acordo com Números 29:35, um oitavo dia de observância era reservado para “uma reunião solene”, denominada “santa convocação” em Levítico 23:36.

A Festa dos Tabernáculos era a mais popular das três grandes festas judaicas; Flávio Josefo disse que ela era “especialmente sagrada e importante”³. Era um momento de alegria e celebração com um duplo propósito: um momento para dar graças pela colheita e pelo alimento do ano, e uma comemoração da bondade de Deus para com o seu povo durante a peregrinação no deserto.

Versículos 3 a 5. Os seus [de Jesus] irmãos lhe disseram: Deixa este lugar e vai para a Judeia,

² As três “grandes” festas judaicas que exigiam a presença em Jerusalém eram a Páscoa, o Pentecostes e a das Cabanas (ou dos Tabernáculos).

³ Flávio Josefo, *Antiguidades* 8.4.1 [100].

para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes (7:3). A melhor maneira de entender “seus irmãos” é que se tratavam dos filhos de José e Maria; nada no Evangelho sugere o contrário. Marcos 6:3 (veja Mateus 13:55, 56) menciona quatro filhos – Tiago, José, Judas e Simão – e menciona “irmãs” (plural). Incluindo Jesus eram ao todo, pelo menos, sete os filhos de José e Maria.

Os “discípulos” não pode se referir “aos doze, pois eles haviam testemunhado muitas das maravilhas que Jesus realizara e já estavam convencidos da veracidade de suas alegações”⁴. Há pelo menos dois significados possíveis para o conselho dos irmãos de Jesus: 1) estavam sugerindo um meio pelo qual Jesus poderia reconquistar alguns dos seguidores que acabara de perder. “A deserção de muitos discípulos acabara de ser mencionada (6:66), e a sugestão dos irmãos (que também não criam em Jesus) era que, expondo publicamente seu poder na capital, Jesus poderia recuperar sua posição.”⁵ 2) O mais provável é que, para eles, se Jesus quisesse ter sucesso naquela missão para a qual reivindicou sanção divina, ele deveria deixar a Galileia e partir para a Judeia. F. F. Bruce resume assim o pensamento deles: “Se és realmente o Messias, vai para Jerusalém, pois esse é o lugar apropriado para se manifestar publicamente a Israel como o Messias e convidá-los a reconhecê-lo”⁶.

Embora os judeus em geral cressem que a vinda do Messias seria, de alguma forma, notória, Jesus rejeitou a notoriedade. A natureza do desafio dos irmãos de Jesus é semelhante ao conselho do diabo para Jesus se atirar do pináculo do templo (Mateus 4:5, 6). Eles não aceitaram as alegações de Jesus, mas entenderam que elas deveriam ser comprovadas ou refutadas em Jerusalém. Historicamente, Jerusalém era o centro da vida religiosa para os judeus; além disso, o templo ficava ali. No raciocínio dos irmãos, se Jesus almejava conquistar uma posição religiosa e não ser considerado apenas um pregador itinerante, ele tinha de se impor às autoridades residentes em Jerusalém.

Os irmãos de Jesus continuaram: **Porque ninguém há que procure ser conhecido em público**

⁴ J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark, 1928, vol. 1, p. 267.

⁵ C. K. Barrett, *The Gospel According to St. John*, 2a. ed. Filadélfia: Westminster Press, 1978, p. 311.

⁶ F. F. Bruce, *The Gospel of John*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1983, p. 170.

co e, contudo, realize os seus feitos em oculto (7:4a). Pensavam que, se ele fosse fazer algo para si mesmo, que o fizesse na capital, mas também pensavam que era inconcebível que alguém que quisesse ser conhecido realizasse obras “em oculto”. Jesus havia realizado obras na Galileia, como transformar água em vinho (2:1–11), curar o filho do nobre oficial (4:46–54) e muitos enfermos (6:2), e alimentar mais de cinco mil pessoas com o almoço de um jovenzinho (6:5–14). A Galileia, porém, ficava muito longe de Jerusalém; qualquer coisa feita ali seria “em oculto”. Os irmãos insistiram que Jesus deveria expandir seu ministério e fazer-se conhecido (*ἐν παρρησίᾳ, en parrēsia*, “com ou-sadia”), que significa “abertamente” ou como é aqui traduzida pela RA, “em público”. Na opinião de Merrill C. Tenney, o desafio apresentado pelos irmãos de Jesus era “um conselho sarcástico em contraste com a modéstia de Jesus”. A seguir, esse comentarista acrescentou:

Talvez os habitantes de Judá aceitassem [Jesus] mesmo que os galileus, e em particular a sua própria família, não o aceitassem! Os irmãos sentiram que ele deveria apostar abertamente no reino. Se ele tinha algum milagre com o qual pudesse negociar, por que não exibi-lo?⁷

O conselho deles foi sarcástico? Não é possível determinar com certeza o tom da sugestão. O que sabemos com certeza é que, na opinião deles, quem pretendia ser uma figura pública não deveria se manter intencionalmente na obscuridade. Em outras palavras, eles raciocinaram da seguinte maneira: “Fizeste grandes obras na Galileia; por que não repetir essas obras em Jerusalém, o centro da atividade religiosa?” Quando os irmãos disseram: **Manifesta-te ao mundo** (7:4b), eles não usaram “mundo” (*κόσμος, kosmos*) no sentido mais amplo do termo, como em 1:9; antes, estavam pensando nas multidões de religiosos que afluiam para Jerusalém, na Festa dos Tabernáculos. Sem dúvida, milhares estariam presentes nas festividades da colheita. Jesus, por fim, acabaria se manifestando ao mundo em Jerusalém, num sentido muito mais completo que o imaginado por seus irmãos (veja 12:32).

O conselho dos irmãos derivava de incredulidade e total incompreensão da missão de Jesus. Eles não tinham noção de que o propósito para o

⁷ Merrill C. Tenney, *John: The Gospel of Belief*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976, p. 130.

qual Jesus foi enviado pelo Pai era, por natureza, impopular. C. K. Barrett comentou que “o destino [de Jesus] não era popularidade, e sim o ódio do mundo”⁸. O versículo 5 explica por que seus irmãos falaram dessa maneira: **Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele**. O tempo imperfeito do verbo indica que esta era a atitude geral deles, um ponto confirmado pelo Evangelhos sinópticos (cf. Marcos 3:21, 31). Somente após a ressurreição e ascensão de Jesus ao céu, seus irmãos integraram o grupo de discípulos (Atos 1:14), sem dúvida, porque o Senhor Jesus apareceu ressurreto a Tiago (1 Coríntios 15:7). Neste momento, no entanto, seus irmãos, tal como as multidões, pensavam unicamente num plano físico e, por isso, não conseguiam aceitar que o Messias prometido dissesse e fizesse as coisas que Jesus estava dizendo e fazendo.

Versículos 6 e 7. Por causa da incredulidade de seus irmãos, **Jesus** explicou o motivo que o fez recusar o conselho deles de subir à festa: **O meu tempo** [*καιρός, kairos*] **ainda não chegou, mas o vosso** [*kairos*] **sempre está presente**. Esda resposta é semelhante à que Jesus deu à sua mãe na festa de casamento em Caná: “Ainda não é chegada a minha hora” [*ὥρα, hōra*]” (2:4). Essa semelhança de expressão fez com que muitos comentaristas concluíssem que as duas frases são sinônimas. Se assim for, então *kairos*, usado aqui e só mais uma vez neste Evangelho, em 7:8, refere-se à *hora* da glorificação do Senhor mediante a sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão (veja os comentários sobre 2:4). De acordo com D. A. Carson, a palavra grega para “hora” (*hōra*) sempre tem o “conteúdo teológico”, desde que não seja modificada por um número, como em “a décima hora”⁹. A palavra *kairos*, assim como *hōra*, refere-se a “um ponto na linha do tempo”¹⁰; mas, ao contrário de *hōra*, não se refere ao tempo específico da glorificação de Jesus na cruz. Portanto, “tempo”, conforme usado por Jesus em 7:6, “aponta para o tempo ade-

⁸ Barrett, p. 309.

⁹ D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 308. Algumas das demais distinções destacadas neste parágrafo foram baseadas nos comentários de Carson comentários.

¹⁰ Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 497.

quado, o tempo certo, a oportunidade favorável”¹¹. Jesus, que veio para fazer a vontade do Pai, tomou suas decisões com base no cronograma de Deus. Por esse motivo, Jesus só iria à festa no tempo adequado determinado pelo Pai.

Esta análise encontra apoio nas palavras de Jesus: “o vosso tempo está sempre presente”. A situação dos irmãos de Jesus era bem diferente. Embora, assim como todos os demais homens judeus, tivessem o dever de comparecer à festa, o dia exato em que chegariam tinha pouca relevância; qualquer hora era oportuna. O momento que quisessem ir era irrelevante para o plano divino, mas não era assim com Jesus. William Barclay disse que “chegar com multidões já reunidas e expectantes proporcionaria uma oportunidade muito melhor do que chegar logo no início da festa. Jesus [estava] escolhendo a sua hora com cuidadosa prudência visando obter os resultados mais efetivos”¹².

O versículo 7 mostra outro motivo pelo qual Jesus não concordou com o conselho proposto por seus irmãos de ir imediatamente à festa e por que qualquer momento era oportuno para eles: **Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más**, disse Jesus. Os irmãos tinham insistido para Jesus se manifestar ao mundo (7:4), no sentido de se mostrar aos que tinham importância no mundo religioso. Aqui João usou “mundo” no sentido de pessoas em geral, como na frase “o mundo não o conheceu” registrada no prólogo (1:10). O mundo não odiava os irmãos de Jesus, pois eles pertenciam a ele e eram governados pelo pensamento do mundo. O mundo ama o que é seu (15:19). Jesus foi odiado pelo mundo porque testificou que as obras do mundo são más (veja 3:19–21). Seus irmãos estavam pensando em termos físicos. Eles não estavam pensando em termos espirituais nem entendiam assuntos espirituais; portanto, qualquer hora era conveniente para eles irem à festa.

Versículos 8 e 9. A diferença entre Jesus e seus irmãos no que diz respeito à relação com o mundo exigia ações diferentes. Por isso, Jesus lhes disse:

¹¹ Leon Morris, *The Gospel according to John*, ed. rev., The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 352.

¹² William Barclay, *The Gospel of John*, vol. 1, ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 232.

Subi vós [o pronome ύμεῖς (*humeis*) está em posição de ênfase] à festa. Essa seria a ação óbvia a ser tomada pelos irmãos. Jesus, porém, que seguia o cronograma divino, disse: **Eu, por enquanto, não subo, porque o meu tempo ainda não está cumprido**. Os manuscritos antigos registram na mesma proporção duas variações de texto: “Eu não estou [*οὐκ*, *ouk*] subindo”, e: “Eu, por enquanto, não [*οὐπώ*, *oupō*] vou subir”. A primeira alternativa indica que Jesus não planejava, de modo algum, ir à festa, enquanto a segunda significa que ele não estava subindo imediatamente, conforme o conselho dos irmãos. A resposta de Jesus é mais simples de entender se “por enquanto” for aceito como o sentido original, já que Jesus acabou indo à festa. “No entanto, este mesmo fator levou alguns a suspeitarem que ‘por enquanto’ seria um acréscimo [de um escriba] ao ‘não’ mais difícil [de se encaixar no contexto], deixando assim a passagem mais fácil.”¹³

Se “não” for o texto original, então parece haver uma contradição, pois 7:10 diz que Jesus foi à festa. Philip Wesley Comfort afirmou que as evidências documentais apoiam “por enquanto”. Ele observou, contudo, que muitos estudiosos adotam “não” por “ser considerado o [texto] mais difícil e, portanto, mais provável de ser o original”¹⁴. Comfort acrescentou que o fato de Jesus ter dito que “não” subiria à festa não é necessariamente contraditório a 7:10, afirmando que o significado de “eu não vou subir” abre duas possibilidades: 1) Jesus não estava indo à festa da maneira como seus irmãos queriam que ele fosse (publicamente), ou 2) Jesus não estava indo à festa enquanto o Pai não o instruísse a fazê-lo. No final de 7:8, Jesus repetiu a afirmação encontrada em 7:6, usando palavras ligeiramente diferentes: “o meu tempo ainda não está cumprido”. Tendo vindo para cumprir a vontade do Pai, Jesus sempre foi guiado pelas instruções dadas a ele pelo Pai. A hora de Jesus ir à festa viria conforme a programação divina (7:10), e não no tempo dos irmãos; eles desconheciam o plano de Deus. Pertenciam ao mundo e, portanto, preocupavam-se com as coisas do mundo; o plano de Deus não era relevante para eles.

¹³ Homer A. Kent Jr., *Light in the Darkness: Studies in the Gospel of John*. Winona Lake, Ind.: BMH Books, 1974, pp. 114–15.

¹⁴ Philip Wesley Comfort, *New Testament Text and Translation Commentary*. Carol Stream, Ill.: Tyndale House Publishers, 2008, p. 281.

Recusando-se a concordar com o conselho proposto por seus irmãos, Jesus **continuou na Galileia**. À vista dessa recusa, Guy N. Woods escreveu:

Ele rejeitou a sugestão de seus irmãos no que diz respeito ao *tempo* bem como ao *motivo*. Em sua infinita sabedoria, ele iria na hora certa e pelo motivo certo. Sua motivação era totalmente espiritual; as sugestões de seus irmãos decorriam de um raciocínio mundano e material.¹⁵

A CHEGADA DE JESUS À FESTA (7:10–13)

¹⁰Mas, depois que seus irmãos subiram para a festa, então, subiu ele também, não publicamente, mas em oculto. **¹¹Ora, os judeus o procuravam na festa e perguntavam: Onde estará ele?** **¹²E havia grande murmuração a seu respeito entre as multidões. Uns diziam: Ele é bom. E outros: Não, antes, engana o povo.** **¹³Entretanto, ninguém fala dele abertamente, por ter medo dos judeus.**

Versículo 10. Depois que os **irmãos** de Jesus **subiram para a festa, subiu ele também**, deixando a Galileia pela última vez antes de sua morte, segundo os registros. Ele foi a Jerusalém **não publicamente**, como queriam seus irmãos, **mas em oculto**. Em vez de viajar com a habitual caravana de peregrinos, o que teria sido muito visível a todos¹⁶, Jesus – presumivelmente, junto com os doze – adentrou a cidade silenciosamente, sem fazer alarde. Chegar em oculto não significava que Jesus estava se escondendo, pois tanto seus movimentos como seus ensinamentos tornaram bastante públicos após sua chegada (veja 7:14, 26, 28, 37).

Bruce observou que, no terceiro século, o filósofo neoplatonista Porfírio, em sua obra *Contra os cristãos*, “argumentou que era uma marca da falta de resolução de Jesus continuar na Galileia, e ir a Jerusalém somente alguns dias depois”¹⁷. No entanto, a descrição de João do incidente não mostra Jesus vacilando, e sim determinado a se render completamente à vontade do Pai (veja 4:34; 5:19–30).

Versículo 11. Certos **judeus** que estavam na festa procuravam Jesus, indagando: **Onde estará**

¹⁵ Woods, p. 144.

¹⁶ Considerando-se o tamanho desse grupo, Leon Morris chamou a atenção para o incidente em Lucas 2, quando José e Maria procuraram o menino Jesus por um dia inteiro. (Morris, p. 356.)

¹⁷ Bruce, p. 173. Bruce se referia a Porfírio, *Against the Christians*, citado em Jerome, *Against the Pelagians* 2.17.

ele? “Os **judeus**” (veja os comentários sobre 1:19) contrasta com “as **multidões**” (7:12), aqueles que tinham ido à festa, e depois com “o **povo**”, os habitantes de Jerusalém (7:25). Entre esses judeus estavam “fariseus”, “autoridades” e “principais sacerdotes” (7:26, 32, 45, 47, 48), que eram as autoridades judaicas da Judeia e especialmente de Jerusalém. Lembraram-se eles da cura do paralítico, quando Jesus ordenou-lhe que se levantasse, pegasse o seu leito e andasse. Da perspectiva desses religiosos, essa ação violava o sábado (5:1–16). Eles também se lembraram de como Jesus se igualou a Deus, o que, para eles, constituía uma blasfêmia (5:17, 18). Sem dúvida, tinham ouvido falar dos milagres realizados na Galileia e que Jesus alegara ser o “**pão**” do céu.

Os líderes judeus esperavam que Jesus deixasse a Galileia, onde Herodes Antípaso tinha jurisdição, e fosse para a festa em Jerusalém. Na capital, ansiavam por confrontá-lo e matá-lo (veja 5:18). “A motivação básica deles era o reconhecimento de que, se permitissem que a alegação de messianidade passasse impune, o povo o seguiria e os abandonaria. Desse modo, o ódio deles por Jesus não teve limites.”¹⁸ Os verbos “procuravam” (*έζήτουν*, *ezētoun*) e “perguntavam” (*ἐλεγον*, *elegon*) estão no imperfeito, indicando que eles estavam continuamente procurando por ele e perguntando onde ele estaria. A pergunta “onde estará ele?” é literalmente “onde estará aquele homem [*ἔκεινος*, *ekeinos*]?” Essa expressão reflete menosprezo e hostilidade para com o Nazareno (veja 5:12; 9:12).

Versículos 12 e 13. Enquanto os judeus procuravam Jesus, **havia grande murmuração a seu respeito entre as multidões**. Embora “murmurar” em 6:41 e 61 tenha uma conotação hostil, neste contexto indica uma discussão silenciosa entre os judeus para não alertar as autoridades religiosas. Uma tradução mais exata seria “sussurros”. João fez uma distinção clara entre “as **multidões**”, compostas de judeus, e **os judeus**, que eram as autoridades religiosas temidas pelas multidões. O plural “**multidões**” (*ὄχλοις*, *ochlois*), só tem esta ocorrência neste Evangelho, e refere-se “aos diferentes grupos de pessoas que afluíram para a cidade, entre as quais, os visitantes galileus”¹⁹.

Como era de se esperar, a “murmuração” ou “sussurro” da multidão a respeito de Jesus era tan-

¹⁸ Woods., p. 144.

¹⁹ Bernard, vol. 1, p. 271.

to favorável como desfavorável. 1) Alguns, talvez ponderando os ensinamentos e os milagres que haviam testemunhado ou dos quais ouviram falar, ciam que Jesus era **bom** – não uma pessoa má, como persistiam as autoridades religiosas. Mais tarde, em 7:31, João observa que “muitos de entre a multidão creram nele”. 2) Outros, talvez pensando na cura que Jesus realizou num sábado e na sua pretensão de ser igual a Deus, o viam como um impostor que **engana[va] o povo**. “Povo” (*ὄχλον, ochlon*) está no singular aqui e refere-se ao “povo coletivamente como uma camada social da nação iletrada, ignorante”²⁰. Quando Jesus compareceu

²⁰ Frank Pack, *The Gospel According to John, Part I*, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1975, p. 122.

perante Pilatos, ele foi acusado formalmente de “perverter a nação” (Lucas 23:2). Bruce disse que este último parecer a respeito de Jesus foi o que se tornou oficial entre os judeus ortodoxos: “...uma tradição antiga citada no Talmude diz que ele foi executado na véspera da Páscoa por ser um enganador que mentia para Israel”.

Favoráveis ou desfavoráveis, as opiniões a respeito de Jesus não foram pronunciadas em alto e bom som por que o povo tinha **medo dos judeus**. A hostilidade dos judeus começou a aumentar desde o momento em que Jesus curou o paralítico. Estavam, então, empenhados em encontrá-lo a fim de matá-lo, e todos temiam falar dele abertamente.

Autor: David Lipe
© A Verdade para Hoje, 2021
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS